



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DAIANE CRISTINA DE LIMA DOS SANTOS

POSSIBILIDADES IMAGINATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA
EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

FLORIANÓPOLIS, 2014.

DAIANE CRISTINA DE LIMA DOS SANTOS

POSSIBILIDADES IMAGINATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA
EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Federal de Santa Catarina,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia. Orientado pela Profa. Dra. Gilka
Girardello.

FLORIANÓPOLIS, 2014

Daiane Cristina de Lima dos Santos

**Possibilidades imaginativas para a construção do conhecimento nos anos iniciais:
Reflexões sobre uma experiência de estágio**

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do
Título de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, ____ de novembro 2014.

Prof.^a. Dra. Clarícia Otto
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Orientadora: Prof.^a Dra. Gilka Girardello
MEN - UFSC

Membro titular: Prof.^a Dra. Luciane Maria Schlindwein
MEN - UFSC

Membro titular: Profa. Ms. Juliana Achcar

Membro suplente: Profa. Dra. Monica Fantin
MEN-UFSC

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que acreditam no meu potencial, em especial a minha família, pessoas dignas e honradas que sempre estiveram ao meu lado. Em especial à minha mãe Adriane que sempre me motivou a lutar por meus objetivos. E a minha professora Gilka, que sempre com palavras nutridas de esperança e sabedoria, fez parte de todo o processo para elaboração e conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.

À minha mãe, em especial, que sempre esteve ao meu lado me motivando a continuar na caminhada na conquista de meus sonhos.

À minha orientadora, Gilka Girardello pela preciosa confiança, palavras de sabedoria e dedicação a cada processo para conclusão deste trabalho.

Agradeço aos membros da banca examinadora pela atenção, disponibilidade e contribuição para este trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica. Às minhas amigas Ana Paula Machado, Luana Kremer, Winnie de Lima Rodrigues, Rubia Danielle da Silva e Juliana Gomes Cavalcante pelo carinho, companheirismo e contribuição para este trabalho.

Agradeço também às profissionais da Escola Desdobrada Costa da Lagoa pelo carinho e atenção, às crianças da escola, em especial à turma do 3º ano, e a professora Carolina kuhn que nos possibilitaram momentos encantadores cheios de sorrisos, carinho e afeto.

RESUMO

O presente trabalho busca, a partir de uma experiência no estágio de docência nos Anos Iniciais na Escola Desdobrada Costa da Lagoa em Florianópolis (2014), investigar como a articulação da imaginação e da ludicidade no ensino pode contribuir para a qualidade das atividades com as crianças no estágio de docência do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho tem uma abordagem qualitativa, incluindo uma pesquisa bibliográfica a partir do referencial sobre o tema estudado no Curso de Pedagogia (Vigotski e Egan, entre outros), seguida de uma reflexão a respeito da atitude das crianças diante das atividades propostas. Foram analisados os registros que a autora e sua colega de dupla de estágio realizaram ao longo de todo o processo de estágio na 8ª fase, tendo sido selecionados aqueles que melhor exemplificam o apelo à imaginação e às atividades lúdicas junto às crianças. De acordo com os resultados, conclui-se que atividades envolvendo a formação de imagens, o despertar da curiosidade, a criação de hipóteses, a exploração de narrativas, e a promoção de experimentações, por envolverem imaginação e ludicidade, constituem-se em possibilidades importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Palavras Chaves: Imaginação, Ludicidade, Criança, Estágio, Anos Iniciais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO, PROBLEMATIZAÇÃO.....	8
2. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 IMAGINAÇÃO E EDUCAÇÃO.....	12
2.2 LUDICIDADE E EDUCAÇÃO.....	15
3. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	20
4. ANÁLISE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS.....	22
4.1 PROMOVER A FORMAÇÃO DE IMAGENS.....	24
4.2 CRIAÇÃO DE HIPÓTESES.....	25
4.3 NARRATIVAS.....	27
4.4 DESPERTAR CURIOSIDADES.....	29
4.5 PROMOVER EXPERIMENTAÇÕES.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

A escolha do assunto da minha pesquisa foi um tanto difícil, pois em cada fase do Curso de Pedagogia pensava em vários temas: a cada disciplina em que me apaixonava por determinado assunto, considerava-o como sendo meu tema para a pesquisa. Na 6ª fase, com a disciplina de Pesquisa em Educação II, ministrada pela professora Patrícia Torriglia, tive que fazer um pré-projeto de pesquisa para o trabalho final do curso; foi nesse momento que percebi que teria que escolher um tema definitivo para realizar o trabalho.

Lembrei-me de que na 4ª fase, com a professora Maria Raquel Barreto Pinto, fiz uma pesquisa de campo no bairro onde moro hoje, Monte Cristo, na área continental da cidade de Florianópolis, com o intuito de pesquisar os locais públicos destinados para as crianças brincarem. A pesquisa foi muito interessante e por esse motivo, fiz meu pré-projeto de pesquisa sobre os espaços públicos que as crianças têm para brincar. Até então esse seria meu tema, mas comecei a me perguntar sobre o que eu mais gostava de ler, quais os assuntos me faziam ler sem querer parar. Então percebi que estava no caminho errado, pois sempre gostei muito das disciplinas de Educação e Infância, Arte e Imaginação, de assuntos como contação de histórias, o brincar pedagógico, a imaginação da criança, e o tema até então escolhido para o pré-projeto me levaria a focar mais no espaço e em políticas públicas. E nas aulas de Pesquisa sempre ouvi a professora Patrícia Torriglia dizer que o tema de nossa pesquisa tem que nos dar prazer, para que a escrita flua tranquilamente.

Na disciplina de Estágio Docente nos Anos Iniciais, tive o imenso prazer de trabalhar com a turma do 3º ano da Escola Desdobrada Costa da Lagoa. Eram 7 crianças, sendo 5 meninos e 2 meninas, todas moradoras da comunidade da Costa da Lagoa, em Florianópolis. Foi um momento único, que possibilitou muitas experiências que irei levar por toda minha vida. Foi um desafio muito grande para mim, pois sempre tive muito medo de estar à frente de uma sala nos Anos Iniciais. Desde que entrei na área da Educação, há 6 anos, sempre trabalhei somente com Educação Infantil, que é a minha paixão. Por isso, os Anos Iniciais, até aquele momento, estavam fora dos meus planos.

Esse medo que eu tinha de trabalhar com os Anos Iniciais era causado pela ideia errônea de que quando se entra no ensino fundamental se deixa de ser criança para ser apenas aluno. Essa ideia vinha me acompanhando desde o tempo em que eu mesma cursava as Séries Iniciais do ensino fundamental, como eram chamadas na época, minha professora ficava todo tempo nos lembrando de que "a brincadeira acabou, agora vocês estão no corredor dos grandes".

Viver a experiência do estágio nos Anos Iniciais me fez desmistificar essa ideia dentro de mim. Mesmo nesses 4 anos de formação acadêmica em Pedagogia, sempre li e ouvi discussões sobre o quanto o brincar gera aprendizado, mas eu não conseguia imaginar isso acontecendo nos Anos Iniciais. Fui para o estágio com a ideia de que iria encontrar apenas "alunos", que iria ensinar conteúdos, sistematizar temas. Já na observação pude perceber que a professora¹ utilizava métodos bem diferentes daqueles que eu tinha na minha mente. As aulas eram dinâmicas e lúdicas; nelas as crianças se divertiam. Lembro-me de uma aula em que a professora estava explicando sobre o planeta Terra e suas divisões... Depois ela pediu para que as crianças desenhassem o planeta Terra e suas divisões da maneira como tinham entendido. Foi uma aula fascinante, as crianças fizeram desenhos lindos, percebi pelos desenhos que elas compreenderam o que foi explicado e usaram muito a imaginação para isso.

... Após a explicação sobre as divisões do planeta Terra, as crianças receberam uma folha cada uma para fazer um desenho da Terra mostrando suas divisões. José Antônio desenhou um homem com uma britadeira na mão, fazendo um furo no planeta; quando perguntei o que o homem estava fazendo, ele me disse que estava consertando a rua, mas que não iria furar muito o chão para não chegar ao núcleo da terra, por que senão ele iria se queimar e morrer, pois lá é muito quente. Aquiles desenhou árvores, casas e bonecos de cabeça para baixo e Ariel questionou, dizendo que não existe casa de cabeça para baixo, e Aquiles respondeu: "é por causa da gravidade, igual dentro da aeronave quando chega perto da lua". E desenhou várias linhas em volta do planeta dizendo que era gravidade (Registro de observação de estágio, dia 15 de abril de 2014 - Daiane).

O exercício de observação e registro foi fundamental para eu compreender como as nossas práticas pedagógicas fazem toda a diferença na hora do aprendizado. Essa foi uma aula que com certeza ficará guardada na memória das crianças, assim

¹ Professora titular da turma do 3º ano, Carolina Kuhnen.

como ficou na minha. Nos períodos de observação no estágio de docência percebi a falta de interesse que algumas crianças têm em aprender, em se concentrar nas atividades propostas pela professora. Observamos que a turma era bastante agitada e estava sempre em movimento. Isso fez refletir a mim e à minha companheira de estágio sobre que práticas deveríamos utilizar para que as crianças se interessassem mais pelas aulas, e como chamar a atenção delas para a aula. Com isso pensamos em utilizar o lúdico na prática pedagógica.

O desejo de pesquisar esse tema surgiu a partir dessa reflexão sobre como fazer com que as crianças tivessem mais interesse pelas aulas e da nossa prática diante dessa necessidade do grupo de crianças. Retomei a leitura de um texto da professora Gilka Girardello (2011), que discute a relação entre imaginação e infância em relação às ações pedagógicas. Fazendo a releitura desse artigo, comecei a lembrar das práticas que realizamos no estágio de docência, os jogos, as leituras de histórias, as brincadeiras. E lembrei também que na avaliação final do processo de estágio percebi o quanto foram significativos para as crianças aqueles momentos, e o quanto elas aprenderam a superar seus limites na aprendizagem.

A pesquisa, assim, tem por objetivo geral contribuir para uma reflexão a respeito da importância da presença da imaginação, da criação e da ludicidade no desenvolvimento das atividades pedagógicas junto às crianças nos Anos Iniciais. A partir da análise dos meus registros de estágio e os de minha companheira de dupla, buscamos compreender como a imaginação contribuiu para a qualidade das atividades que realizamos com as crianças no estágio de docência do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientamos nosso estudo a partir de questões que nos inquietaram no exercício de estágio de docência, que foram: Como trazer a imaginação para dentro da sala de aula, integrada à prática pedagógica? As atividades lúdico-imaginativas pareceram contribuir para o envolvimento das crianças nas aulas? Essas questões e outras que surgiram irão orientar nosso trabalho, ainda que respondê-las de modo completo não seja viável, especialmente no âmbito de um TCC.

Para tal fim, apresentaremos inicialmente uma síntese de referências sobre os conceitos de imaginação, criação e ludicidade, tendo por base os textos estudados em

nossa formação em Pedagogia, e a partir disto buscaremos compreender e discutir como a imaginação e a ludicidade podem contribuir com as práticas pedagógicas dentro de sala de aula. Fizemos também, referência a algumas propostas teórico-metodológicas que achamos que podem contribuir nesse sentido, elaboradas pelos autores Kieran Egan (imaginação na escola), Edith Ackerman (conhecimento e ludicidade) e Bob Jeffrey (aprendizagem criativa). Por fim, buscaremos refletir sobre a experiência do estágio a partir desse referencial, com foco nas possibilidades de associar imaginação, criação e ludicidade à construção do conhecimento na escola.

2. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Elaborar este trabalho foi para mim de suma importância para conclusão da minha formação acadêmica, porque pude relacionar a teoria estudada nesses 4 anos de curso com a prática de sala de aula. Foi muito gratificante perceber que essa relação entre teoria e prática pode acontecer de forma verdadeira e criativa, já que às vezes enxergamos essa relação como sendo distante, como sendo apenas um discurso teórico recaindo num ensino convencional. Integrar a teoria e a prática é sempre um desafio.

Com o estágio de docência percebemos que são vários os fatores comportamentais que impedem as crianças de construir conhecimento. A vergonha, o medo de errar, a distração, são alguns dos fatores que prejudicam seu desempenho escolar, e a inserção de novas estratégias didáticas podem facilitar a aprendizagem. Ao pensarmos o planejamento das aulas minha colega de dupla e eu discutimos e refletimos muito sobre as posturas das crianças dentro de sala de aula, e de como é importante que nós, como futuras professoras, tenhamos um olhar atento à criança para saber fazer as mediações de forma significativa.

Com isso, procuramos desenvolver estratégias lúdico-imaginativas no nosso planejamento do estágio, tendo por base referências que já havíamos estudado ao longo do curso de Pedagogia, sobre a importância da imaginação para a educação e no ensino.

Com o término do estágio, me propus a aprofundar a leitura de alguns autores que já havia estudado durante o curso de Pedagogia e que sugerem ao professor um ensino escolar aberto à imaginação, à ludicidade e à criatividade. Ter a possibilidade de conhecer outros autores que também têm essa linha de pensamento e ter mais tempo

para relacionar as teorias que aprendemos no curso com a prática foi de grande importância para mim nesse momento tão importante que é a conclusão do curso de Pedagogia. Ao mesmo tempo, procuro com este trabalho contribuir para que as futuras práticas pedagógicas e a construção dos planejamentos nos estágios de anos iniciais contemplem o olhar para imaginação criadora e para a ludicidade das crianças.

A seguir iremos apresentar uma síntese das referências sobre ludicidade, brincadeira e imaginação criadora que foram mais importantes para nós nesse processo. Ao final iremos trazer referências de alguns autores que conheci ao longo do curso mas que não tinha tido oportunidade de aprofundar, e cujo trabalho está voltado a sugerir ao professor um ensino escolar aberto à imaginação, à ludicidade e à criação.

2.1 A imaginação e a educação

Uma das principais referências para o estudo da imaginação infantil é Vigotski, afirma que a atividade do homem não é apenas uma reprodução do velho, pois assim ele estaria voltado somente para o passado. Segundo ele, a psicologia denomina de *imaginação* essa atividade criadora:

A imaginação é a base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo cultural, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (Vigotski, 2009, p.14).

Proporcionar às crianças na escola momentos em que elas possam brincar e possivelmente criar novas experiências, é consequência de uma ideia de que a educação não se reduz a um ensino, buscando a construção de conhecimentos em sentido amplo. Vigotski diz que “quando mais rica experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela” (2009, p, 22.) Quanto mais a criança ouve, vê e vivencia experiências significativas, mais rica será sua atividade de criação. E a postura do adulto no ambiente em que a criança esta inserida também é importante para imaginação. “O papel permanente do professor, e em particular da escola, consistiria em não fechar nenhuma porta ao impossível e demonstrar que os caminhos da imaginação conduzem às vias da razão e vice-versa” (Jean, *apud* Girardello, 2011, p.75).

A imaginação é um momento de criação do novo, em que podemos fazer uma nova leitura da realidade. O processo de imaginação criadora está presente, segundo Vigotski, desde a primeira infância, como nestes exemplos: "a criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe" (Vigotski, 2009, p. 16). Para o autor, "o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade" (idem, p.17).

Para Girardello (2011), "a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não". E para Douglas Sloan (*apud* Girardello 2011, p. 76), "A tarefa mais importante da educação parece ser a educação da imaginação". Daí a importância de as crianças terem espaços, tempos e brincadeiras para desenvolver a imaginação, pois quanto mais a desenvolverem, mais desenvolverão seus processos criativos.

A filósofa Eva Brann afirma que a imaginação envolve um livre jogo de visualizações onde a criança busca dar conta dos processos humanos mais complexos:

A imaginação proporciona uma "clareira cognitiva" entre a percepção e a reflexão. Nesse espaço, a experiência é consolidada a partir da acumulação de lembranças sensoriais. Ali são testadas possibilidades, através do livre jogo de visualizações variáveis. Ali podem ser ensaiadas as questões humanas e testados os sentimentos, longe das pressões da realidade imediata [...] (*apud* Girardello 2011, p. 89).

A formação de imagens é uma das principais ênfases no contexto da Educação Imaginativa proposta por Egan (1992). "Para ele, lembramos mais vividamente das coisas que associamos a imagens. Não se trata de trazer imagens estereotipadas para a classe, afirma ele, e sim trazer palavras, afetos, que ajudem as crianças a criar suas próprias imagens". Estimular a imaginação, permitir que a criança possa ir além do esperado.

Consideramos a educação da imaginação importante porque ela contribui para superar "o preconceito dualista que em nossa cultura separa razão e emoção, afeto e intelecto, arte e ciência" (Girardello, 2011.p.76). Segundo Kieran Egan (2007) a imaginação é uma das qualidades que as pessoas ligadas à educação mais deveriam

desenvolver. Se lembrarmos dos grandes pensadores, como Platão, Rousseau, Dewey entre outros, e refletirmos sobre qual ótica fundamenta suas ideias sobre educação, veremos que não é a ideia de simples transmissão de conhecimento e ideias convencionais e sim uma educação que possibilite ao aluno o despertar para um pensamento que lhe possibilite imaginar formas diferentes daquelas que já existem.

Sabemos que a escola tem por objetivo socializar a criança no meio em que está inserida. “A imaginação, sem essa base, é mera insensatez e é improvável que seja produtiva tanto para o indivíduo quanto para a sociedade” (Egan, 2007, p. 15). Mas como fazer para que não se separe a formação de cidadãos racionais de cidadãos imaginativos? A imaginação não se opõe à razão, mas dá subsídios para que ambas cresçam juntas.

Egan fala que a vida imaginativa das crianças em idade escolar tem relações com o cotidiano das crianças, e que a imaginação infantil se seduz pelos extremos e limites da experiência humana, pelos “atos mais corajosos ou os mais cruéis, os fenômenos naturais mais estranhos e bizarros, os eventos mais terríveis e mais maravilhosos” (1992, p. 73). O autor fala que essas características deveriam ser levadas em consideração na elaboração dos currículos e materiais didáticos, e que não só as experiências cotidianas e familiares das crianças devem ser privilegiadas, pois a criança também precisa viver o novo para que sua imaginação possa ir além do convencional.

Muitas das descobertas que temos hoje no mundo são frutos da imaginação e da fantasia. Penso que sem a imaginação nossa sociedade estaria estagnada, parada no tempo. Por que a imaginação é importante para educação? Ao planejarmos nossas aulas para crianças nos Anos Iniciais estamos pensando no desenvolvimento da imaginação?

Segundo Egan, as virtudes sociais, como tolerância e justiça, surgem também do desenvolvimento da imaginação. Ele diz que as histórias são boas para educar nas virtudes por não transmitirem apenas informações e descrever ações, mas também por que envolvem nossas emoções. Destacam-se aí as narrativas, que têm o poder de nos transportar para lugares antes não imaginados, e também de nos fazer refletir sobre pensamentos e ideias.

Assim, enfatizamos que, além das narrativas, o professor deve buscar em outras linguagens e formas falar das coisas do mundo a nossa volta para desenvolver a imaginação das crianças. Através do uso de analogias, fazendo com que a criança viaje imaginariamente para muitos lugares, possibilitando momentos em que a criança tenha dúvidas e faça perguntas, despertando a sua curiosidade e o desejo de aprofundar o conhecimento, procurando diversificar cada momento em sala para promover experiências em que a criança se sinta produtora do conhecimento.

Como a imaginação é base de toda a atividade criadora (Vigotski, 2009), nos interessa também ver como a prática educativa pode abrir espaço para a criação. Uma referência que ajuda de modo bem concreto a aproximar a imaginação e a criação das práticas educativas nos Anos Iniciais é a proposta de "aprendizagem criativa", de Bob Jeffrey (2004), que busca "tornar a aprendizagem relevante para os estudantes; habilitá-los a se apropriarem de suas experiências de aprendizagem; abrir mão do controle e encorajar ações inovadoras" (idem p. 3) ². O autor apresenta algumas estratégias para que o professor possa possibilitar ao aluno uma aprendizagem criativa: levar em conta as emoções das crianças, estimular a imaginação através de narrativas, valorizar o conhecimento prévio, criar situações de desafios e de surpresas. Ele orienta o professor a encorajar a criança à brincadeira e estar aberto a mudanças, proporcionando aprendizagens ativas e gerando pensamentos positivos. Levaremos em conta todas essas sugestões ao analisar os registros do estágio, mais adiante.

2.2. A ludicidade e a educação

A brincadeira é o grande espaço que proporciona à criança a imaginação, a interação com outros, o poder de criação, o desenvolvimento de suas potencialidades... Assegurar o brincar na escola não quer dizer desmerecer o estudo, mas sim garantir tempo e espaço para a brincadeira livre e também propor atividades lúdicas onde a criança terá novas possibilidades de aprender de forma prazerosa e divertida.

² Citação traduzida por Gilka Girardello.

A palavra *lúdico*, segundo o dicionário³, refere-se a, ou que tem caráter de, jogos, brinquedos e divertimentos. O lúdico faz parte do mundo infantil e também da vida de todo ser humano. O lúdico é compreendido como tudo aquilo que nos dá prazer, como os jogos, as brincadeiras e as narrativas infantis. Por isso o brincar não pode ser entendido como algo sem valor, como um simples passatempo. Pois é através da brincadeira que a criança desenvolve a facilidade para a aprendizagem e sua compreensão de mundo.

A essência da brincadeira é que ela é a realização de desejos que outrora eram irrealizáveis; Vigotsky (2007, p.117) diz que “a criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança, pelo contrário, é a primeira forma de emancipação da criança”. Ao brincar as crianças incorporam papéis a partir de suas vivências por meio de uma recriação da realidade. A concepção de brincadeira, para Froebel é a de que:

[...] “A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo - da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo”[...] (Froebel, 1912, p. 55, *apud* Kishimoto 2008).

Portanto pode-se afirmar que a brincadeira é importante para a vida das crianças, pois no ato de brincar, além de desenvolver a capacidade de imaginar, a criança constitui sua autonomia e sua identidade, e desenvolve várias habilidades como imitar, memorizar e interagir com outras crianças e adultos.

Na brincadeira a criança utiliza o brinquedo, e a atribuição da função que a criança dá a esse objeto é o que qualifica a função simbólica desse brinquedo. Por exemplo, ao brincar de astronauta a criança pode sentar dentro de uma caixa de papelão e dizer que está numa espaçonave indo direto para lua. Na brincadeira muitas vezes o que predomina são os significados que as crianças dão aos objetos.

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (Vigotski, 2007, p.122).

³ Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 4 ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2009.

Portanto, a brincadeira é considerada fundamental para o processo de desenvolvimento da criança. Hoje há varias pesquisas e teorias defendendo a brincadeira como forma lúdica de aprendizagem, porém em algumas escolas ainda se nega esse direito considerando-o perda de tempo. A escola deve ser um lugar que oportunize a vivência da infância, pois as crianças não deixam de ser crianças porque entraram na escola. Segundo a Proposta Curricular de Florianópolis, a escola é:

[...] compreendida como instituição cultural da comunidade e como espaço de formação do ser humano; como espaço que concorre para a cidadania e inclusão de sujeitos apreendestes. Cabe-lhe, portanto, o papel de criar condições para que todos aprendam, apropriem-se da cultura e dos saberes historicamente produzidos. Neste sentido, precisa-se de uma escola que rompa com o senso comum e com os limites da sala de aula, e que se enriqueça pelo processo de interação de outros agentes educacionais da sociedade, integrando novos conteúdos, proporcionando vivências e estabelecendo relações com a comunidade (FLORIANÓPOLIS, 2008, P.18).

Sabemos que as crianças possuem suas singularidades e que cada uma apresenta um ritmo, maneiras diferentes de falar, tempos diferentes para andar, comer, ler e escrever. A escola deve estar atenta a tais aspectos, pois cada ser humano é diferente dos outros e seu processo de desenvolvimento é contínuo: a apropriação do conhecimento não é instantânea, requer tempo e esforço de ambas as partes.

A concepção tradicional de educação considerava a criança como uma folha em branco, sem conhecimento algum, e cabia ao professor preenchê-la. Hoje, ao contrário, sabemos que as crianças não são sujeitos inatos e sim que elas interagem com o meio em que vivem e assim se constroem culturalmente.

Para vigotsky, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. Sob esta ótica surge a importância dos símbolos enquanto processo de aprendizagem. Na brincadeira de faz-de-conta, por exemplo, a criança pode transformar e reinventar a brincadeira partindo do real para o imaginário. O autor define essa dinâmica como zona de desenvolvimento proximal, a partir da ideia de que “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VIGOTSKY, ano 2007, p 98).

O lúdico na sala de aula é visto por alguns profissionais como desordem, por eles não entenderem que brincando se aprende. O olhar do professor diante do lúdico é

importante, pois algumas instituições de ensino ainda são pautadas por práticas que consideram o conhecimento como sendo resultado unicamente de repetição e memorização, e não como um saber construído. Entendo, com apoio nos referenciais teóricos desenvolvidos no Curso de Pedagogia, que o conhecimento é construído a partir da criança, num processo de interações sociais em que a criança entende e compreende fazendo pontes com seu cotidiano. É a construção de um saber crítico reflexivo, consciente.

Com a experiência de estágio compreendi que dependendo da concepção de criança que temos, iremos guiar nossas ações pedagógicas. Durante o curso de Pedagogia discutimos e refletimos a concepção de criança ativa, portadora de conhecimentos e cultura e isso nos ajudou a pensarmos para que sujeitos iríamos orientar o planejamento das atividades. Entre algumas das principais referências que embasaram essa concepção, estão Kramer (2006), Pinto (2005), Rocha e Ostetto (2008).

Nesse contexto, entendo que a Educação não se limita a repassar conteúdos, informações ou mostrar apenas o caminho, aquele caminho que nós como professores achamos ser o correto, mas sim busca ajudar o sujeito a tomar consciência de si mesmo e do mundo. As autoras Batista *et al* (2004, p. 2) discutem um pouco desse olhar para a escola, que foi historicamente construído ao longo dos anos, e discutem o papel da brincadeira nesse sentido:

O brincar, e, em especial, as brincadeiras livres, parecem ser vistas como uma atividade menos nobre na creche e na pré-escola, porque não apresentam um produto e, conseqüentemente, não têm o caráter “pedagógico”. Mais ainda, na brincadeira, o adulto se vê destituído do papel de professor, de alguém que ensina, e o aluno não é mais aquele que aprende. Na brincadeira, o adulto não tem o controle do conteúdo e das aprendizagens. Não é ele quem decide as regras, o enredo, o cenário, o tempo, o produto. Portanto, a brincadeira, para ele, não tem validade como “atividade pedagógica” (*apud* RIVERO 2004, p.2).

A brincadeira, por si só, é repleta de significações: as crianças enquanto brincam nos dizem muito do que elas são, e não há ali apenas uma reprodução daquilo que as crianças vivem, mas também uma criação, partindo do mundo imaginário da criança. A brincadeira tem o poder de criação, sempre a possibilidade de algo novo. Vigotski diz que, “a atividade criadora é que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente” (Vigotski, 2009, p. 14).

A inserção das crianças no ensino fundamental de nove anos, a partir de 2006 tem levantado muitas discussões e pesquisas na área da educação. Entendendo que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é um momento crucial no desenvolvimento das crianças em termos de aquisição de conhecimentos, valores, Kramer (2007, p. 20) diz que “[...] a educação infantil e o ensino fundamental são indissociáveis, ambos envolvem conhecimentos e afetos, saberes e valores [...]”.

A autora afirma ainda, que o trabalho pedagógico precisa levar em consideração a singularidade das crianças e o direito à brincadeira, a sua produção cultural, tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais. E que é preciso garantir que as crianças sejam atendidas em suas necessidades (como a de aprender e a de brincar) e que temos que entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes.

Para que as crianças nos Anos Iniciais sejam atendidas em suas necessidades é preciso que se pense o aprendizado para além da sala de aula e do quadro e do giz. É importante que o professor saiba introduzir a ludicidade na sala de aula, pois ela auxilia nas evoluções psíquicas das crianças. A autora Sanny S. da Rosa (2010) diz que o lúdico não se resume às brincadeiras livres, mas que também pode estar presente na atmosfera da sala de aula, como na liberdade, senso de humor e confiabilidade na relação professor/aluno. Ela propõe que, no contexto do ensino, a ideia de brincadeira seja entendida de forma ampla, menos como uma atividade e mais como "uma qualidade da relação que um indivíduo estabelece com os objetos do mundo externo" (idem, p.31) Ressalta ainda que:

[...]O brincar, não deve ser tratado como “estratégia” de ensino ou como “recurso” facilitador da aprendizagem, mas muito mais como possibilidade de abertura de um campo onde os aspectos da subjetividade se encontram com os elementos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento (p.31).

O lúdico pode ser então uma forma de abrir espaço para introduzir certos conhecimentos de forma prazerosa e que envolva as crianças. A importância da ludicidade está assim na possibilidade que abre para aproximar a criança do conhecimento científico, de acordo com seu tempo e potencial. Também as relações que se estabelecem na hora do jogo, como a competição, a motivação, a construção de

valores e assimilação de novos conhecimentos. É no lúdico que a criança tem oportunidades especialmente ricas de vivenciar regras, normas, desenvolver seu raciocínio e sua linguagem.

A ludicidade possibilita ao professor, enfim, encontrar formas para mediar de forma significativa o ensino com as crianças. O professor poderá trabalhar tanto no grande grupo como na individualidade para ajudar as crianças a superar suas dificuldades.

Considerando as reflexões anteriores de que o lúdico e a imaginação criadora qualificam o trabalho pedagógico junto às crianças, este trabalho, como já afirmamos, tem por objetivo refletir sobre as atividades propostas por duas estagiárias do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina na Escola Desdobrada Costa da Lagoa em Florianópolis em maio/junho de 2014, do ponto de vista de suas possibilidades lúdico-imaginativas.

3. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Essa pesquisa foi conduzida de forma qualitativa, numa perspectiva sócio-histórica, descrevendo as possibilidades lúdico-imaginativas de um trabalho pedagógico realizado junto a um grupo de s crianças no estágio docência . “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (Flick, 2009, p. 20). Diz respeito a questionamentos da vida cotidiana, a estudos de um caso ou casos a fim de analisar e refletir sobre as práticas cotidianas.

Foi realizado um estudo de caso para realçar as possibilidades imaginativas do trabalho pedagógico com crianças para a construção do conhecimento nos anos iniciais. Segundo Triviños, o estudo de caso é “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente” (1987, p.133). Foram utilizados alguns procedimentos, tais como: pesquisa bibliográfica sobre imaginação criadora, brincadeira e ludicidade, e análise dos registros de uma experiência de observação e exercício de docência nos Anos Iniciais, buscando refletir sobre quais atividades possibilitaram às

crianças um maior envolvimento, com apelo à imaginação criadora e à ludicidade no contexto escolar.

Quando chegamos à etapa de analisar os dados da pesquisa pensamos já estar no final de todo o processo. No entanto percebemos que esse é só o começo de uma longa caminhada em buscar do conhecimento dos fatos e acontecimentos. Analisar e refletir sobre o que foi escrito nos remete a pensarmos o porquê de escrevermos dessa forma e não de outra. Ler os registros deste processo foi para nós uma oportunidade de pensarmos nossa prática pedagógica, conhecer as nossas próprias histórias como professoras.

A reflexão sobre o vivido foi se aprofundando e através dela pudemos levantar questões sobre as nossas práticas pedagógicas junto às crianças. Várias perguntas e questionamentos surgiram ao refletirmos sobre todos os conceitos e discussões em torno de crianças que estudamos ao longo do curso de Pedagogia, como por exemplo: Será que ao planejarmos nossa docência, mesmo utilizando os registros e a observação participante, priorizou-se a criança como foco de todo processo? Quais foram as possibilidades oferecidas às crianças para que elas viessem a construir o conhecimento de forma criativa e divertida?

O *corpus* de pesquisa deste trabalho são os registros de todo processo de observação, planejamento e docência no estágio de Anos Iniciais que realizei na escola da Costa da Lagoa, junto com minha companheira de dupla⁴. Inicialmente pretendíamos analisar os nossos registros (meus e de minha colega) e de algumas colegas nossas que também fizeram estágio na Costa da Lagoa. Mas, devido ao tempo limitado para a redação do TCC, ficamos somente com os meus e da minha colega de dupla para análise.

Em virtude do objetivo da pesquisa, e como já afirmamos, optou-se por uma pesquisa qualitativa, tendo como foco compreender a importância do lúdico e das possibilidades imaginativas e criadoras no trabalho pedagógico junto às crianças do 3º ano da Escola Desdobrada Costa da Lagoa para a construção do conhecimento. Foram selecionados alguns trechos dos registros escritos que nos parecem evidenciar situações que proporcionaram às crianças o aprendizado com o lúdico, a imaginação criativa e a

⁴ Ana Paula Machado, estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina.

brincadeira. Para tal análise elaboramos palavras-chaves, baseadas nas referências teóricas citadas anteriormente, para organizar e selecionar trechos dos registros que mostrassem a presença dos conceitos ou estratégias acima discutidos, para uma educação que leve em conta a imaginação e a ludicidade.

Os processos de observação, registro e planejamento vividos durante o estágio foram primordiais para a conclusão deste trabalho, pois foi a partir desses instrumentos de trabalho que pudemos refletir sobre a nossa ação pedagógica. Madalena Freire fala desses instrumentos metodológicos que nos orientam a prática pedagógica dizendo, por exemplo, que: “Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, nem devolução, e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela” (1996, p. 14).

4. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS

Início este relato com um exemplo de registro da etapa de observação, realizada na escola durante duas semanas:

O 3º ano é um grupo pequeno, porém bem agitado, eles se movimentam a todo o momento. Se cai uma caneta no chão é motivo para a professora parar a aula e fazer o grupo voltar à concentração. Hoje tivemos aula de matemática. A professora estava no quadro explicando as operações matemáticas quando uma criança começa a falar sobre jogos de vídeo game e todo mundo começa a falar sobre o assunto e a professora para a aula para fazer com que as crianças voltem atenção para ela (Registro Ana Paula - dia 17 de maio de 2014).

Já nos primeiros registros de observação, em quase todos os que li e analisei, estão as palavras ligadas a essa inquietação das crianças por sair da sala para brincar. As crianças ficavam ansiosas pela chegada da hora do recreio, nem tanto pelo lanche mas sim pela brincadeira que acontece nesse momento com as outras crianças da escola. A ansiedade era tamanha que mesmo em meio aos cálculos e interpretações textuais propostas pela professora, as crianças sempre davam seu jeito de introduzir a

brincadeira. No primeiro dia de observação, a Ana Paula estava sentada ao lado de uma criança, observando sua escrita do quadro:

... Assim foi seguindo a pauta do dia. Fiquei perto de uma criança e perguntei se ela queria ajuda para escrever a pauta do dia. E ele respondeu: Menino: - Não quero! Quero ir brincar na rua. Continuei a falar com ele, explicando que ele já iria para rua brincar. Mas que naquele momento ele deveria concentrar-se na aula para aprender com a professora. Ele me escutou, ficou por alguns minutos pensativo e voltou a brincar com uma folha, um lápis e uma borracha. Fazendo som com a boca como se a folha fosse um barco (Registro dia 14 de abril de 2014 - Ana Paula).

Essa é uma situação que frequentemente vivenciamos na sala do 3º ano, onde as crianças às vezes interrompem as aulas para perguntar sobre outros assuntos que não estavam relacionados com a aula. A professora da turma sempre resolvia a questão muito bem, nunca desmerecendo o que a criança trazia, mas sim ouvindo, respondendo e tentando relacionar aquilo que a criança trouxe com a aula. Nesse sentido, Chukovsky diz:

Nosso dever, como educadores, é não apenas responder às infinitas questões das crianças, mas também estimular ativamente a curiosidade delas, para que, de um ano para o outro, e à vezes de um mês para o outro, essas questões se tornem mais e mais interessantes (*apud* Girardello, 2011, p. 88).

O nosso primeiro contato com as crianças ocorreu numa apresentação do boi-de-mamão no centro da cidade de Florianópolis no dia 4 de abril de 2014, e lá já percebemos que as crianças eram muito ativas, como toda criança. Algumas das nossas companheiras de estágio participaram da apresentação dentro da berneira, foi um momento de aproximação importante com as crianças. Quando chegamos à escola semanas depois, logo fomos reconhecidas pelas crianças. Elas nos receberam calorosamente e com muitos sorrisos.

No primeiro dia de observação, Ana Paula estava sentada ao lado de uma criança observando sua escrita do quadro, quando de repente a criança parou de escrever e ficou com os olhos fixos na parede. Então a estagiária perguntou: por que você parou de escrever? E o menino respondeu: "Não quero escrever, quero ir brincar na rua." Ana Paula tentou convencê-lo de que depois de copiar e chegar a hora do recreio ele poderia brincar com seus amigos, porém ele insistia em ficar parado sem escrever. Logo em

seguida a criança começou a desenhar no canto superior do seu caderno desenhos em blocos, parecendo robôs, Ana Paula questionou que desenhos eram aqueles, e ele disse que eram de um jogo de computador chamado *Mine Craft*.

No relato acima podemos perceber que a criança sempre acha um jeito de fugir da rotina para brincar. No começo foi difícil aceitar essa atitude sem ter um olhar acusador de que a criança estava "fazendo corpo mole" e que estava desinteressada. Refletindo sobre nosso dever como educadoras de estimular a curiosidade das crianças para que elas se tornem cada vez mais interessadas nas aulas, compreendi que naquele momento ela só estava sendo quem realmente ela era, uma criança. Que brinca, imagina e fantasia.

4.1 Promover a formação de imagens

A professora da turma do 3º ano numa de suas aulas estava explicando sobre as divisões do planeta Terra. Dizia que a Terra é dividida em 3 camadas: o núcleo, o manto e a crosta terrestre. As crianças ficaram atentas a cada palavra que a professora dizia; em seguida, a professora pediu para que cada criança desenhasse o planeta Terra com suas divisões, da forma como cada um tinha aprendido. Foram feitos desenhos lindos, cheios de detalhes, demonstrando que haviam apreendido o assunto.

Mas o que mais me chamou a atenção foi a conversa de dois meninos na hora da confecção dos desenhos. Menino X pergunta para menino Y: "você desenhou os bonecos de cabeça para baixo, eles vão cair". Menino Y responde: "Não, menino Y, aqui está a gravidade (fez vários rabiscos em cima dos bonecos), igual na aeronave quando o homem chega à lua". Então o Menino X responde novamente, dizendo: "Isso não existe!" O menino Y retruca, dizendo: "Existe sim, o desenho é meu e no meu desenho existe tudo".

Vemos nesse relato acima o quanto a criança usa da imaginação para construir o que ela deseja. Como já havíamos dito, a imaginação tem esse poder de liberdade e de movimento em direção ao possível, quer ele seja realizável ou não. Vimos também a importância da formação de imagens mentais para o ensino aprendizagem. Compreendo que o menino Y estava fazendo uso da imaginação a partir de um dado de conhecimento objetivo, a noção de gravidade. Nessa brincadeira imaginativa,

desenhando os bonecos e a aeronave, o menino estava explorando e ampliando os conhecimentos sobre gravidade que tinha acabado de adquirir na aula.

4.2. Criação de Hipóteses

No dia 22 de maio, já durante o período de nossa docência, propusemos à turma uma saída de campo para conhecermos o mangue do bairro Itacorubi em Florianópolis. Como o projeto da escola este ano tem por tema a Água e o nome da turma é Mangue, iríamos dar continuidade ao projeto de sala. Assim, planejamos essa saída para que as crianças tivessem esse contato com o Mangue antes de iniciarmos nossas aulas com eles. Foi um dia memorável para nós e para as crianças. Quando chegamos ao local algumas crianças não resistiram e colocaram os pés no lodo. Colocavam o dedo e o cheiravam. Estavam bem curiosas e animadas.

Enquanto caminhávamos ao redor do mangue, encontramos dois funcionários da Casan que estavam demarcando o local em que seriam retiradas algumas árvores para passagem de uma tubulação de água. As crianças começaram a fazer várias perguntas para eles, do tipo: "De onde vem a água que vai passar por aqui?" "Para onde ela vai?" "Por que vocês terão que cortar essas árvores?"

Quando chegamos ao trapiche na beira do rio, havia um homem pescando, com um balde de plástico cheio de peixes e camarões. Ele retirou alguns peixes do balde para mostrar às crianças, e um menino, ao ver os peixes no chão, disse: "Eu conheço esse peixe, é o robalo, é o mesmo peixe que tem na Costa da Lagoa. Será que ele veio nadando até aqui?" (Registro dia 22 de maio de 2014- Daiane).

Na hora de fazer o registro do passeio através de desenhos, as crianças ficaram sentadas ao longo do trapiche, observando a vegetação e a movimentação dos pescadores. Alguns pediam nossa ajuda para fazer o desenho, dizendo que não sabiam o que desenhar. Outras faziam perguntas como: "Será que tem tubarão no rio, professora? E jacaré, será que tem? Eu queria desenhar um tubarão comendo um jacaré, eu posso, professora?"

Para estimular a relação entre imaginação e conhecimento, Chukovsky “defende a atenção às perguntas infantis e o esforço em dar respostas e dialógicas à incansável

curiosidade das crianças, em sua condição de pequenas exploradoras do mundo” (Chukovski, apud Girardello, 2011, p. 88) ⁵. Naquele momento ficamos pensativas sobre que resposta dar à criança, pois o proposto era que eles desenhassem o que estava a sua volta: o mangue, os animais e árvores que ali estavam. No entanto respondemos à pergunta da criança, dizendo que ali não poderia existir tubarão, pois os tubarões vivem no mar. E em relação ao jacaré poderia ser que estivesse ali naquele exato momento um jacaré do papo amarelo, que é o que vive aqui em nossos mangues, os jacarés poderiam estar olhando todo o nosso movimento de longe, mas nós não estávamos conseguindo percebê-lo, pois por causa do nosso barulho e presença eles ficam assustados. E concluí dizendo que o menino poderia, sim, desenhar um jacaré e um tubarão se assim ele preferisse. Mas que desenhasse também alguma coisa que ele tinha achado interessante em nosso passeio.

E assim foi: a criança ao final não desenhou o jacaré nem o tubarão, fez um lindo desenho do mangue com caranguejos e peixes. O desafio está em responder o que foi perguntado, e ao mesmo tempo buscar estratégias na conversa para que as crianças possam deixar a imaginação e a criatividade fluir sem a nossa imposição e controle de que "tem que ser assim e pronto, acabado".

O Relato a seguir mostra outra experiência importante que tivemos de abertura de um campo favorável à criação de hipóteses. Em nosso estágio, propusemos a construção de um mini-terrário, para que as crianças pudessem compreender com mais clareza o conceito de ecossistema. Em sala fizemos o desenho de um aquário no quadro e a partir dali iniciamos nossa conversa sobre ecossistema, dizendo que no aquário há seres vivos e não vivos e que em todo ecossistema é a mesma coisa.

Para elaborarmos essa atividade precisaríamos de materiais como areia, plantas, pedras, água... Para deixar a atividade ainda mais divertida e dinâmica, ao invés de levarmos os materiais para sala fomos junto com as crianças coletar esses materiais ao redor da escola. Cada criança levou sua sacolinha plástica para guardar os materiais que iria coletar.

Levamos enxada, balde e garrafas plásticas para pegarmos água no rio. A hora mais divertida para crianças foi à busca por minhocas e outros insetos para colocar no

⁵ Citação traduzida por Girardello (2011).

terrário. As crianças cavavam os buracos com as mãos, uma ajudava a outra a encontrar os bichinhos.

Nessa atividade trabalhamos também o trabalho em equipe, sempre enfatizávamos que um necessita do outro. Em sala, quando fomos montar o terrário, cada um fez do seu jeito: mesmo com a nossa mediação, ao dizermos "coloca isso primeiro, isso depois...", cada um fez do seu jeito, montando os materiais dentro de garrafas pet transparentes colocadas na horizontal, com uma abertura na parte superior. Colamos um papel pardo na parede para explicar como seria todo o processo. Numeramos cada etapa dos materiais e assim as crianças poderiam ver qual iria primeiro e qual viria por último. Exemplo: 1. Pedras; 2. Areia e insetos; 3. Adubo; 4. Plantas; 5. Água. Quando estavam construindo os terrários, um menino fez a seguinte pergunta: *"Professora, se a gente colocar uma aranha aqui dentro junto com a minhoca, ela vai comer a minhoca né? E aranha vai morrer de fome, por que a minhoca é mole, nem enche a barriga.* (Registro dia 28 de maio de 2014 - Daiane)

Esse exemplo mostra o quanto as experimentações e o contato com a natureza ajudam as crianças a se envolverem com o tema da aula e a imaginar hipóteses.

4.3. Narrativas

Na terceira semana de atuação no exercício da docência, dia 5 de junho de 2014, pedimos para as crianças para que trouxessem um brinquedo com que mais gostavam de brincar. A proposta do dia foi fazer a leitura do livro *Crianças Como Você* (UNICEF, 2004) e mostrarmos através desta narrativa como outras crianças de outros lugares vivem, brincam.

Em roda fizemos uma conversa sobre as crianças que moram em outros lugares, perguntamos às crianças se elas achavam que as crianças de outros lugares brincavam das mesmas coisas que eles, se comiam as mesmas coisas. O que mais chamou a atenção deles em imediato foi o nome das crianças do livro, pois alguns nomes eram iguais aos das crianças da sala. E quando achávamos um nome igual ao de um deles, eles faziam comparações entre a fisionomia da criança do livro e a deles. Trarei o registro abaixo para exemplificar essas situações:

Estávamos sentados na roda, todos estavam envolvidos na contação do livro, quando encontramos um menino que se chamava com o mesmo nome de um dos meninos da sala. Logo os outros fizeram comparações dizendo: Ah! Mais esse menino é mais magrinho ou gordinho, ele usa roupas estranhas, ele parece um índio... E quando achavam um brinquedo que eles conheciam ficavam admirados por saber que lá em outro lado do mundo alguém também gosta das mesmas coisas que eles (Registro dia 5 de junho de 2014 – Daiane).

Na hora de apresentar os brinquedos que trouxeram, algumas crianças ficaram com vergonha de falar. Outras contavam que tinham ganhado o brinquedo de algum parente. Um menino trouxe um barco de madeira com o nome dele gravado, disse que tinha ganhado o barco do avô e que no verão quando vai tomar banho na lagoa leva o barco para brincar com seus primos. Outro menino trouxe um bate-bate que havia ganhado da sua mãe. Quando vimos o brinquedo nós logo nos recordamos das nossas brincadeiras de infância e Ana Paula comentou com as crianças que também tinha uma bate-bate quando era criança. Uma menina trouxe uma barbie e disse que adora brincar de bonecas com suas primas e amigas. Algumas crianças haviam esquecido, mas contribuíram com suas falas na roda (Registro dia 5 de junho de 2014 – Daiane).

Georges Jean (1990) diz que "uma pedagogia imaginativa requer também dos educadores uma reinvenção de si próprios, para que abram espaço e tempo em suas vidas para as experiências imaginativas" (Girardello, 2011, p.80).

Nesse dia quando estávamos voltando para casa na barca, eu e minha colega conversamos sobre a atividade, do quanto as crianças gostaram de trazer seu brinquedo para escola e de poder compartilhar com seus colegas a importância do brinquedo para elas. Relembramos nossas brincadeiras de infância. Refletindo sobre isso, Girardello (2011), a partir de Kornei Chukovski, observa que, quando nos aproximamos de uma criança em nossas mediações sempre tendemos a buscar em nossas próprias lembranças de infância, para compartilhar com ela, aquelas histórias, brincadeiras e canções que preferíamos. É o lembrar da criança que já se foi um dia.

A escola desenvolve um projeto de leitura com as crianças uma vez por semana. O projeto, coordenado pela professora Carolina Kuhnen, se chama *LER, MUITO PRAZER!*, e nele as crianças de toda escola se encontram na biblioteca para cantar cantigas de rodas e ouvir e ler histórias. Assim introduzimos também em nosso planejamento a leitura de histórias em voz alta, pois vimos o quanto as crianças ficam

encantadas ao ouvir e contar histórias. Citarei no registro abaixo um fato que me comoveu muito em relação às narrativas:

Observando a roda de leitura percebi o encantamento de algumas crianças ao ouvir os colegas contar histórias. Os olhares fixos ao livro, observando cada detalhe das páginas, os sorrisos extrovertidos, o silêncio para ouvir aquele colega que fala mais baixinho são coisas que me chamaram muita atenção. As crianças estavam vivendo cada momento com intensidade, elas estavam dando significado ao momento (Registro dia 14 de abril de 2014- Daiane)

As narrativas têm esse poder de encantar os ouvintes, de fazer com que viajemos num mundo imaginário cheio de encantos e fantasia. É incrível ver o resultado de imagens, letras e palavras se combinando para formar um livro e nos fazer sonhar.

Além de possibilitar o desenvolvimento da imaginação as histórias também favorecem a formação de leitores, desenvolvendo a autonomia das crianças e o prazer em ler. O mais importante na leitura de histórias em voz alta é o envolvimento das crianças com a história. É quando ela se identifica com alguma parte e também começa a criar hipóteses, exercitando um processo imaginativo muito importante para a construção do conhecimento.

4.4 Despertar Curiosidades

Antes do passeio, ainda em sala de aula, conversando sobre a nossa visita ao mangue, algumas crianças estavam curiosas em saber que cheiro tinha o mangue, qual sua cor, etc. Para instigar ainda mais a curiosidade das crianças, falamos que o lodo era feito de material em decomposição. Perguntamos a eles: se colocássemos uma laranja na sala e a deixássemos se decompor, será que ela exalaria um bom cheiro? Todos falaram que não. Então dissemos que lá no mangue nós iríamos tirar as nossas dúvidas sobre o cheiro do lodo.

Quando chegamos ao mangue, as crianças não se contiveram e colocaram as mãos no lodo, o cheiravam, e alguns até diziam "não tem cheiro de nada". Outros diziam que tinha cheiro de esgoto. Um menino colocou o pé no lodo e disse: parece areia movediça, é muito mole". Com certeza nesse momento eles puderam experimentar tudo aquilo que havíamos conversado na sala de aula, naquela situação em que

procuramos despertar a curiosidade deles. Tiveram a possibilidade de antes imaginar e depois ver com seus próprios olhos.

Eva Brann diz “existe um tipo de atividade imaginativa na qual percepção e imaginação coexistem, em que recebemos o mundo à nossa volta com os olhos abertos e simultaneamente projetamos sobre ele as cenas interiores dos olhos mentais” (Brann, *apud* Girardello, 2011, p.54). Muitas vezes aquilo que vemos aguça a nossa imaginação, pelas cores, formas, cheiro... Por isso é que a autora diz que a imaginação e percepção coexistem, pois aquilo que percebemos ao nosso redor sugere o desenvolvimento da imaginação. E nesse dia foi isso o que as crianças fizeram.

4.5 Promover Experimentações

A construção do terrário proporcionou às crianças muitas experiências. Uma delas foi a possibilidade de ver concretamente o ciclo da água. As crianças colocaram os terrários na janela para pegar luz do sol, e isso fez com que a água evaporasse: no dia seguinte havia gotículas de água no plástico que cobria o terrário. As crianças já haviam estudado sobre o ciclo da água e souberam contar todo o processo para nós através da experiência com o terrário.

Conversamos com eles sobre a cadeia alimentar, explicando que há certos bichos que não podem ficar juntos de outros. E que no mangue as garças comem os peixes no rio, e também há esse movimento da cadeia alimentar. Essa conversa aconteceu na sala de artes.

Gaston Bachelard discute que a “relação com a natureza é a grande matéria da imaginação infantil: o devaneio na criança é um devaneio materialista” (Bachelard, *apud* Girardello, 2011, p. 57). O autor diz que os elementos da natureza, como a água, o fogo, o ar e a terra são “os hormônios da imaginação” (idem). Além desses elementos, a experiência com animais também contribui para o desenvolvimento da imaginação. O autor fala que o estímulo imaginativo acontece não só com o contato ou percebido, mas sim, com o que nos trás espanto.

No dia seguinte fizemos a atividade do dia anterior ao passeio. Produzimos um texto coletivo com as crianças sobre: O que eles mais gostaram do passeio, o que viram, que barulhos ouviram...

Cada criança fez uma frase no texto, com suas ideias, mas o que eles mais queriam mesmo era desenhar. Isso estava fora do nosso planejamento, mas mesmo assim, após a atividade de escrita, deixamos que eles desenhassem. Distribuímos um pedaço de papel pardo e procuramos no armário da sala lápis, giz de cera, e uma criança sugeriu que eles desenhassem com o giz da lousa. Ela disse que sempre desenhavam com lápis de cor, e assim queriam fazer uma coisa diferente. Atendemos ao pedido da criança e distribuímos giz para todos. Foram feitos desenhos maravilhosos, cheios de detalhes das coisas que as crianças viram no passeio e outras que não viram mas que havíamos falado em sala. Como mostra o registro abaixo:

...Após a escrita do texto coletivo as crianças pediram para desenhar o mangue. Como já havíamos terminado o texto disponibilizamos mais papel pardo para que elas pudessem desenhar. Propusemos que o desenho fosse feito em grupo e elas aceitaram a ideia. Eu ajudei a desenhar, na hora de desenhar o rio uma menina me disse: “professora, os peixes vem do mar então o rio e o mar se encontram” e eu respondi, com certeza, como vamos desenhar esse encontro? (Registro dia 23 de maio de 2014 – Daiane).

Então ela pegou um giz de cor azul para fazer o mar e eu sugeri que eu desenhasse o rio de branco para diferenciar os dois. Ela gostou da ideia e na hora em que o desenho estava pronto mostrou para os colegas o que nos duas havíamos feito. Algumas crianças desenharam garças nos desenhos, porém lá no mangue nos não vimos nenhuma garça. Outras desenharam os caranguejos com muitos detalhes com anteninhas na cabeça, tentáculos com detalhes.



(fotografado por Ana Paula Machado no dia 23 de maio de 2014)

Desenharam a árvore do mangue, com suas raízes para fora do solo, e folhas pequenas e bem separadas como haviam visto. Quando terminaram de escrever, as crianças falaram que gostaram de escrever com giz no papel pardo, o único problema é que não dava para apagar caso elas errassem.

Como já havíamos afirmado anteriormente, as crianças sempre davam um jeito de introduzir a brincadeira em meio às atividades de sala. Houve um dia em que, ao terminar de copiar as tarefas do quadro, um menino pegou uma folha e começou a fazer desenhos com dobraduras. Cada criança que ia terminando de escrever se achegava junto à mesa do menino para observar cada movimento que ele fazia com a folha.

Em alguns minutos todos estavam na mesa olhando aquela cena. A professora pediu para que o menino ensinasse o processo passo-a-passo para que os outros colegas pudessem aprender também. E assim foi o menino foi explicando, e quando percebemos já havia chegado a hora do recreio. Segue abaixo o registro que mostra a criação das crianças na sala de aula.

...Quando as crianças estavam terminando de copiar as tarefas do quadro, um menino pegou um pedaço de papel e começou a fazer dobraduras. Perguntamos a ele quem o havia ensinado a fazer dobraduras. E ele respondeu que aprendeu sozinho. Enquanto ele fazia a dobradura em forma de caixa, as crianças ficavam atentas a todos os movimentos e fazendo perguntas de como fazia as dobras para formar as caixas. A professora nos disse que ele adora fazer desenhos de dobradura (Registro dia 21 de Abril de 2014 – Daiane).



(fotografado por Daiane Cristina de Lima dia 21 de abril de 2014)

Percebemos que a turma do 3º ano é uma turma muito criativa e ativa quando o assunto é desenho, eles buscavam a todo o momento estar desenhando, pintando, brincando.

Concluimos que nos em conjunto com a professora, ao ouvirmos o pedido da criança para mudar a direção da atividade, e sentarmos ao seu lado, explorando momentos lúdicos junto com o grupo foram fatores que contribuíram para a aprendizagem de conhecimentos, valorizando ao mesmo tempo a imaginação.

A criança, ao experimentar a liberdade da imaginação, movida pela curiosidade, pela criatividade e pela ludicidade consolida as bases para poder cada vez mais aprender as coisas complexas do mundo.

⁶ A escola e os pais autorizam a reprodução das imagens das crianças em contexto de estudo e pesquisa, como foi o caso de nosso estágio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi refletido, concluímos que a imaginação e a ludicidade constituem-se em possibilidades importantes para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. E que é possível dentro de uma ação pedagógica reunir ludicidade, imaginação e educação.

O professor deve entender seu papel de mediador e estar atento às crianças proporcionar momentos de experiências significativas para a construção do conhecimento, desenvolver a autonomia, a imaginação através das narrativas e brincadeiras, desenvolvendo também o pensamento crítico e ético para a cidadania.

Compreender que a brincadeira não deve ser vista de forma “utilitária” para o ensino é primordial para que a brincadeira não perca sua essência e seu encanto. É necessário que nós, como futuras professoras, entendamos que o brincar nos Anos Iniciais é uma possibilidade de vivenciar uma experiência criativa com o conhecimento. E entender que a ludicidade está presente na maior parte das interações das crianças e por isso a importância de não negá-lo na construção do conhecimento das crianças. Destacamos também que a imaginação é importante para educação pois desenvolve virtudes sociais, oportuniza à criança viver coisas novas, enxergando o que está a sua volta de várias maneiras.

Elaborar este trabalho foi para mim de suma importância para conclusão da minha formação acadêmica, é muito gratificante perceber que essa relação entre teoria e prática pode acontecer de forma verdadeira e criativa, já que às vezes enxergamos essa relação distante, sendo apenas um discurso teórico recaído num ensino convencional. Aprendi com essa experiência a olhar a criança nos Anos Iniciais não como “aluno”, mas como criança, que não perde sua essência de criança para aprender. Que necessita do nosso olhar cauteloso e atento as suas necessidades.

Este trabalho é só um primeiro caminho a ser explorado na minha tentativa de refletir sobre as ações do indivíduo em contato com o mundo. A imaginação envolve coisas ilimitadas e isso desenvolve o progresso e a evolução. Espero que nossas escolas contemplem mais a imaginação em seus currículos e métodos, para que nossos professores e alunos encontrem motivações e atitudes para fazer da escola um lugar cada dia melhor.

REFERÊNCIAS

BROUGÉRE, Gilles. A Criança e a Cultura Lúdica. In: KISHIMOTO, T. (org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2008.

Crianças como Você – Barnabas Kindersley; Anabel Kindersley. Editora : Ática, 1997.

EGAN, Kieran: Por que a imaginação é importante para a Educação?. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (orgs.): **Infância: Imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

EGAN, Kieran: **Imagination in teaching and learning**. Chicago: The University of Chicago Press. 1992.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. **Proposta Curricular** / Prefeitura Municipal de Florianópolis. 2008.

GIRARDELLO, Gilka: A imaginação infantil e a educação dos sentidos. In LENZI, L.H.C et al. (orgs.). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006.

GIRARDELLO, Gilka: Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-posições**. Campinas, v.22, n.2 (65), maio/ago. 2011

JEFFREY, Bob: *Meaningful Creative Learning: learners' perspectives*. Trabalho apresentado na European Conference on Educational Research, University of Crete, 2004. (mimeo)

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL/MEC.

Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2007.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **Tempo e espaço escolares: o (des)confinamento da infância**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. Anais eletrônicos. Caxambu: ANPEd, 2005. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT13/gt13423int.rtf>>. Acesso em: 19 fev. 2005.

ROSA, Sanny, S. da: ***Brincar, Conhecer, Ensinar***. São Paulo: Cortez, 2010.

SEARA, Izabel C.; OSTETTO, Luciana; CASSIANI, Suzani (orgs.): **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva: **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** São Paulo: Atlas, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**.

Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.